

Alocução do Sr. Francisco Pinto, antigo aluno da EDMS,  
na abertura do ano lectivo 2007/2008

Meus Amigos

Como o sr. Padre Frade acaba de dizer, fiz parte do primeiro grupo de alunos da Escola Diocesana de Música Sacra. Fiz os três anos curriculares e, no final, passei. Entretanto, terminado o curso, o director da Escola propôs aos alunos finalistas mais um ano de frequência para estudar harmonia e canto gregoriano. Como eu queria aprender cada vez mais, por opção voltei para aqui mais um ano. Depois fiz também o Curso de Direcção Coral, durante 7 semanas (de Outubro de 2002 a Fevereiro de 2003), que foi organizado pela Escola. Particpei ainda no Coro da Escola (*Gloria-Laus*) – não sei se ainda existe... Também fiz um curso de técnica vocal, nas Semanas Gregorianas promovidas pelo Centro Ward de Lisboa, que me ajudou muito.

Que influência teve, na minha vida, a passagem pela Escola Diocesana de Música Sacra? Vou tentar responder.

Fui empregado de escritório durante 27 anos, mas sempre estive ligado à música. Penso que já nasci com o “bichinho” da música. Todavia, desde pequeno, a minha vocação já era mais para o canto que, naquela altura, não era litúrgico, era mais canto religioso. Eu ainda sou daquela época em que nós cantávamos de tudo na Missa. Cantávamos qualquer coisa que nos dessem... Lembro-me que se cantavam canções de frei Vicente, (um franciscano que estava em Leiria). Naquela altura, depois do 25 de Abril, era o que estava mais na moda. Ele [frei Vicente] tinha gravado um disco e as canções eram bonitas... Mas depois, com a continuação e em contacto com pessoas, sobretudo com os coadjutores do pároco, que estavam ligados à música, fomos recebendo instruções, orientações diferentes em ordem ao canto litúrgico.

Como disse, durante 27 anos fui empregado de escritório e, por saber umas coisas de música, armei-me em professor. Abri uma escola de música e uma loja de instrumentos musicais: estou eu a dar aulas de guitarra clássica e órgão, juntamente com outros professores de guitarra clássica e acordeão.

Ainda em relação à minha vida como empregado de escritório. Abri a Escola de Música (a ver o que aquilo dava...), mas depressa vi que não podia servir a dois senhores, nem ao patrão nem a mim. Estava no meu trabalho e pensava no que tinha a fazer depois das 17 horas. Assim não dava. Sempre gostei de ser muito honesto no trabalho em que me ocupava. Estava a perder assim um bocadito e queria sair da minha profissão pela porta grande tal como entrei porque uma das coisas de que me orgulho é esta: ter sido “disputado” por diversos patrões durante o tempo em que fui empregado. Por isso saí quando devia ter saído e dediquei-me só à música.

Como director de coros (já tocava órgão, já organizava os Festivais da Cação da Guia, que foram famosos) comecei a ser convidado por outras paróquias para ensaiar o seu grupo coral, já antes de vir para a para a EDMS. Senti a vontade de saber mais para estar à vontade naquilo que fazia. E, por isso, vim em Outubro de 1991.

Actualmente, sou director de coro de 3 paróquias: Ilha, Guia e Louriçal. Ensaio também grupos de várias capelarias: Foz e Grou (da paróquia de Mata Mourisca), Pinheirinho (da paróquia de Pombal), e Fonte Cova (da paróquia de Monte Redondo), já da diocese de Leiria. Alguém pode dizer: aquele fulano é um monopolista! Mas eu não sou capaz de dizer “não”. Se sinto que ainda sou capaz de dar mais um bocadinho e as pessoas querem, então, embora haja uma compensaçõzinha (não é disso que eu vivo, mas só pela paixão que eu tenho pelo canto litúrgico) sinto-me bem e aceito. Mas não sou um “monopolista” exagerado, a querer tudo só para mim. Ando também a formar organistas e já tenho 9 alunos que tocam em igrejas e capelas. Todas as semanas algumas pessoas me pedem a sugestão de cânticos. É natural, recorrem a quem saiba um bocadinho mais e eu tento ajudar. Então, para isso é preciso algum trabalho. Faço deste modo: começo a ler as leituras do próximo domingo, à segunda-feira, e medito-as; procuro cânticos que estejam de acordo com a liturgia e para isso é preciso também ter muitos livros de apoio.

Assim, começo a trabalhar à segunda-feira de manhã para preparar os meus ensaios durante a semana porque só desta maneira me sinto capaz de ir para a frente de um coro ensaiar um cântico. Além de o estudar primeiro, procuro saber o que é que ele quer dizer, o que é que ele me diz também a mim, para poder explicar... (Nem sempre é assim, mas acontece raramente.) Temos quase uma hora para ensaio; o tempo tem de ser bem aproveitado e, por isso, temos de ser objectivos naquilo que estamos a fazer.

Julgo que não falhei nada do que queria dizer-vos. Eu trazia aqui uns apontamentos, mas... posso ver? (*Risadas*) Eu vou ver. Escrevi muito, mas sou sincero: prefiro falar.

Em conclusão: O passar aqui pela Escola modificou a minha vida totalmente. (*Neste momento o director da Escola interveio para dizer que «o advérbio “totalmente” não é bem exacto, pois não se divorciou da esposa nem abandonou os filhos...» E, no meio de uma risada geral, continuou:*) Ainda bem que falou nisso porque, de facto, no meu casamento, eu e ela fizemos um pacto: “até que a morte nos separe”. Eu vim para aqui com 35 anos de idade, a fazer todos os sábados 120Km (ida e volta). Não era fácil, mas, ao chegar a casa, nunca ouvi uma reclamação... Isto porque Deus deu ao Francisco uma Jacinta (*é o nome da esposa*). Se não fosse ter uma esposa como tenho, que sempre me ajudou, sempre me apoiou, não teria sido possível realizar o meu sonho. Se lhe manifestasse o desejo de saber mais, ela respondia: «então, vai; quanto mais aprenderes melhor é para ti». Sem o seu apoio não poderia ter feito o que fiz e o que ainda faço hoje. Tenho também dois filhos: um rapaz com 27 anos e uma moça com 24. Posso considerar que tenho uma família feliz, dentro das possibilidades.

Para terminar, quero aqui deixar-vos uma palavra de incentivo, se é que a posso dizer. Trabalhai com entusiasmo porque, nestas coisas, nada há melhor do que fazer aquilo de que se gosta. Eu gosto deste trabalho de ensaiador de coros litúrgicos e a ele me dedico. Fui convidado para dirigir dois coros “profanos”, mas para mim, dentro do campo musical, não há como o canto a Deus, ou seja, o canto litúrgico, o canto que tem um objectivo e pelo qual quase nos apaixonamos: é a Palavra... aquelas palavras, a música que lhes dá vida e sentido. E nós, a nível nacional de canto litúrgico, graças a Deus temos bons compositores. Por mim prefiro este tipo de canto que é direccionado não só para o nosso coração, mas, sobretudo, para Deus que é a razão de tudo isto. *Dize.*